



A noção de texto e os níveis de pertinência da análise semiótica

Matheus Nogueira Schwartzmann*

Resumo: Neste artigo, busca-se refletir sobre a noção de texto em semiótica francesa, sobre a sua força metodológica e o seu modo de articulação com os desenvolvimentos mais recentes da teoria, sobretudo a perspectiva das práticas e dos níveis de pertinência da análise semiótica, conforme propostos por Jacques Fontanille. Apresenta-se aqui pelo menos duas interpretações da noção de texto, tendo como ponto de partida a famosa frase greimasiana (“Fora do texto não há salvação!”): texto será tomado ora (1) como unidade, como enunciado, em uma abordagem mais francamente imanente; ora (2) como semiótica-objeto complexa, como conjuntura ou nível de pertinência. Segundo essas duas leituras, busca-se ainda, para concluir, esboçar qual seria, atualmente, o alcance da análise semiótica.

Palavras-chave: Texto, prática semiótica, análise semiótica

Introdução

[...] a mudança adquire, às vezes, o caráter de uma abertura das perspectivas, quando não o de uma transgressão consensual das coerções epistemológicas.

O que era proibido é então questionado e torna-se novamente possível; o que era excluído volta ao domínio das preocupações. A “inovação” teórica e metodológica é, frequentemente, apenas um efeito de sentido do esquecimento ou de uma exclusão categórica anterior.

(Jacques Fontanille, em *Semiótica do discurso*, 2007a, p. 22)

O objetivo deste trabalho, como o seu título procura delimitar, é refletir um pouco sobre o modo como a noção de texto se organiza no interior da teoria semiótica francesa, levando em consideração o seu impacto metodológico e o seu modo de articulação com os desenvolvimentos mais recentes da teoria, em especial, com a proposta formalizada por Jacques Fontanille sobre os níveis de pertinência da análise semiótica. Nesse percurso, tendo em vista a temática do evento¹, tratarei também, ainda que não o faça profundamente, de como a noção de texto em semiótica marcou mi-

nha própria formação e acabou por definir a minha experiência enquanto pesquisador e docente.

Começo por retomar uma frase célebre de A. J. Greimas, talvez a mais célebre, porque a mais festejada ou rebatida, e que todos certamente conhecem-na de cor: “Fora do texto, não há salvação”. É no texto “Enunciação, uma postura epistemológica”, publicado originalmente por Greimas na revista *Significação*, em 1974, e depois traduzido por Maria Lúcia Vissotto, com colaboração e notas de Jean Cristtus Portela, que encontramos a elaboração completa dessa máxima greimasiana: “Fora do texto não há salvação. Todo o texto, somente o texto, nada fora do texto” (Greimas, 1974, p. 31). Creio que seja possível encontrar, nessa espécie de adágio, ao menos duas isotopias, dois modos de leitura, conforme indico a seguir.

Podemos pensar, a partir do que diz Greimas, que a semiótica se preocupa somente com o texto. Tudo o que não é texto, ou não é pertinente ao texto, não é de interesse da semiótica. Tudo o que é extratextual, e por consequência, de algum modo, extralinguístico, não é de interesse da semiótica. Esse seria, justamente, o primeiro modo de leitura.

Essa leitura, que ainda hoje é legítima, me foi muito

* Professor do Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, campus de Assis (SP) e do Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, campus de Araraquara (SP). Atualmente, é editor da Revista do Gel e secretário geral da Associação Brasileira de Estudos Semióticos (ABES). É também líder do Grupo de estudos “Projetos Semióticos” (FCLAssis/Unesp) e membro-pesquisador do “Grupo de Pesquisa em Semiótica da Unesp - GPS” (FCLAr/Unesp). Endereço para correspondência: { matheus_nogueira@uol.com.br }.

¹ O presente texto é fruto de uma palestra com o mesmo título, proferida durante o VII Seminário de Semiótica da USP (2017), em Homenagem aos 100 anos de nascimento de Algirdas Julien Greimas (1917 - 1992). Por essa razão, conserva, em certa medida, marcas de oralidade e alguma dimensão de depoimento.

cara e importante, e norteou os meus primeiros anos de formação e de pesquisa. E, no entanto, é esse modo de entender a noção de texto que também nos leva, e especialmente aqueles que estão em processo de formação, a um labiríntico sistema de escolhas e recortes, quando devemos decidir o que está dentro e o que está fora do texto, o que é imanente ou transcendente², contextual ou histórico³, o que é intertextual ou interdiscursivo, entre outros problemas de segmentação da análise e de constituição do *corp*us (cuja definição, para Greimas, aproxima-se da própria definição de texto⁴).

O segundo modo de ler o “adágio” greimasiano, parece ir noutra direção, ainda que o faça de maneira sutil: não há nada que, para a semiótica, não seja texto. Tudo é texto. Não se pode levar a cabo uma análise sem que se tome uma dada grandeza semiótica como um texto. Essa segunda maneira de ler o adágio greimasiano, que também não é apenas uma maneira minha de lê-lo, possibilitou, para a teoria, e de novo, para o meu percurso, um avanço muito importante, na medida em que foi essa perspectiva que permitiu o estabelecimento, de (a) uma semiótica de vanguarda como a de Floch, que definiu como seu *texto* a comunicação, o trajeto (1990, p. 21), entre outras práticas e dinâmicas sociais, (b) uma sociosemiótica como a de Landowski, (1989, p. 199) que, no anos 1980, já defendia a elaboração de uma “semiótica das situações” e a semiotização do contexto (apud Portela, 2008, p. 98), e, (c) por fim, de uma semiótica das práticas, das formas de vida, dos modos de existência, como a proposta por Fontanille (2008).

A redução ao texto

Retomo, aqui, o primeiro modo, ou seja, a ideia da redução do objeto de estudo da semiótica à dimensão do texto. Para isso, gostaria de me voltar para uma reflexão de José Luiz Fiorin, em uma publicação sua de 1995. Essa reflexão de Fiorin aparece também em diversas outras obras, como por exemplo, no limpo trabalho intitulado “Da necessidade de distinção entre texto e discurso”, publicado como capítulo da obra *Texto ou discurso*, de Beth Brait e Marília Cecília (2012).

Fiorin (1995) abre seu artigo com uma crítica à oposição entre aquilo que se poderia chamar de abordagem interna e aquilo que se poderia chamar de abordagem externa ao texto, que, segundo ele, seria uma terminologia muito ruim, que separa os dois pontos de vista de modo maniqueísta, em que uma abordagem só se ocuparia do aspecto linguístico, e em que outra só se voltaria para aquilo que seria extralinguístico. Na sequência, Fiorin (1995, p. 166) nos lembra que “os que se ocupavam preponderantemente dos aspectos intradiscursivos foram tachados de reducionistas” pois “se dizia que eles ignoravam a História, que tinham uma visão empobrecedora do texto”. Nesse sentido, “a semiótica francesa, embora não ignore que o texto seja um objeto histórico, dá ênfase ao conceito de texto como objeto de significação e, por conseguinte, preocupa-se fundamentalmente em estudar os mecanismos que engendram o texto, que o constituem como uma totalidade de sentido”.

Esse gesto da teoria, que podemos chamar de *ênfase no texto*, e que seria tomado como redutor, porque marcado pela exclusão, pela triagem de categorias pertinentes à análise, e que levou os semioticistas a serem tachados então de reducionistas, por que só preocupados com o “dentro” do texto, é justamente uma postura epistemológica que demarca o território da teoria semiótica e o alcance da análise semiótica. É um corte teórico-metodológico que revela a centralidade, por exemplo, de noções como expressão e conteúdo, que nos levam a distinções importantes sobre texto e discurso. É esse gesto, mais uma vez, então, que nos levaria à análise imanente. O reconhecimento, portanto, da existência de planos da linguagem já permite entrever que não há redução efetivamente, ou seja, que ao se delimitar o texto como o objeto da semiótica, toma-se como pressuposta a existência planos e níveis de complexidade que inter-relacionam esses mesmos planos.

Fiorin encerra esse seu texto de uma maneira muito peculiar, que, para mim, parece fazer eco a uma passagem de *Maupassant* (Greimas, 1993), que citarei a seguir. Diz Fiorin (1995, p. 175, grifo nosso):

[...] muitos negam que o uso linguístico seja um objeto tão válido quanto os demais. Acresce a isso que, muitas vezes, trava-se uma verdadeira guerra entre os estudiosos do discurso. As diferentes teorias são distintas é verdade, mas não se anulam, pois tratam de

² Quanto a essa questão, sugiro a leitura de “Princípio de imanência: uma reflexão acerca de seu teor polêmico” (2012), de Elizabeth Harkot-de-La-Taille e Paula Martins de Souza.

³ Quanto à distinção entre as noções de contexto e história, sugiro a leitura de *Linguagem e Ideologia*, (1988), de José Luiz Fiorin.

⁴ De acordo com o *Dicionário de semiótica* (2008, p. 104) “na tradição da linguística descritiva entende-se por *corp*us um conjunto de enunciados, constituído com vistas à análise”. No entanto, se se toma o conceito de *corp*us não apenas como o de “coleção de frases”, mas em uma perspectiva discursiva, Greimas e Courtés (Ibidem, p. 105) afirmam que podemos utilizar o conceito “no seu sentido ‘gerativista’ implícito”, ou seja, podemos falar em um “*corp*us sintagmático” que seria o “conjunto de textos de um autor” ou em um “*corp*us paradigmático” que reuniria, por exemplo, o “conjunto de variantes de um conto”. Tanto um quanto outro, lembram os autores, nunca são fechados nem exaustivos, sendo apenas representativos. Outra observação importante que vale lembrar aqui é a de que “quer se trate de estudar um campo semântico, quer um discurso dado, o *corp*us que serve de ponto de partida [...] é sempre provisório” (Ibidem). Isso, porque o modelo que se constrói dessa maneira “só raramente é coextensivo ao *corp*us inicial, e os objetos linguísticos subsumidos pelo modelo se acham em parte disseminados fora dos limites do *corp*us” (Ibidem).

aspectos complementares do processo de constituição do sentido. Aliás, não poderia ser diferente, dado que o objeto com que trabalhamos é *extremamente complexo*. Sirva para nós a lição de Riobaldo: Todos estão loucos, neste mundo? Porque a cabeça da gente é uma só, e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores diferentes, e a gente tem que necessitar de aumentar a cabeça para o total.

O que me parece haver de comum nas falas de Fiorin e de Greimas – e mesmo na de Rosa – é o reconhecimento de níveis de complexidade, de aspectos distintos e complementares do processo de constituição da significação e – portanto, da constituição do texto – e da necessidade de se estabelecer um nível de excelência, para a análise. Um nível ótimo, segundo Greimas, em *Maupassant*:

[...] tudo nos predispõe a colocar o problema da semiótica discursiva em termos de estratégia e de tática: uma estratégia de conjunto para uma dada disciplina, segundo a qual os objetos semióticos simples devem ser examinados antes dos objetos complexos; uma tática particular, para a abordagem de cada objeto discursivo, que consiste em adotar o nível ótimo de análise, o melhor apropriado ao objeto, permitindo deliberar, ao mesmo tempo sobre a especificidade de um texto e sobre os modos de sua participação no universo socioletal. (Greimas, 1993, p. 9)

Quando nos voltamos para o *Dicionário de semiótica* (Greimas; Courtès, 2008), a semiótica é também tomada como uma teoria do texto, embora as noções de texto e de discurso se mesquem, se complementem e cheguem até mesmo a ser sinônimas (cf. o próprio *Dicionário de semiótica*).

É nessa tentativa de definição de texto que o objeto mais uma vez ganha em complexidade, ao invés de se reduzir. Greimas e Courtès (2008, p. 144) estabelecem “o conceito de discurso com o de processo semiótico” o que possibilita, desse modo, que se considere “como pertencente à teoria do discurso a totalidade dos fatos semióticos (relações, unidades, operações, etc.) situados no eixo sintagmático da linguagem”. Eles afirmam que toda vez que se faz referência à existência de duas macrossemióticas – o “mundo verbal” e o “mundo natural”, a primeira apresentando-se na forma das línguas naturais e a segunda sendo a “fonte de semióticas não-linguísticas” –, pode-se interpretar o processo semiótico como “um conjunto de práticas discursivas: práticas linguísticas (comportamentos verbais) e não linguísticas (comportamentos somáticos significantes, manifestados pelas ordens sensoriais)” (Idem, ibidem). Tomando todo processo semiótico como uma prática linguística, Greimas e Courtès (2008) dirão, em seguida, que o *discurso* é, portanto, o “objeto de saber visado pela linguística discursiva” (Ibidem) e que, nessa acepção, ainda é sinônimo de *texto*.

Em *Práticas Semióticas* (2008b), Fontanille afirma que houve, na semiótica, uma necessidade de se dizer, quando dos seus primeiros passos, que se tratava de uma teoria do texto e não apenas uma ferramenta de análise de discursos, pois “era preciso resistir [ao que ele chamou de] aos cantos de sereia do contexto e às tentações de práticas hermenêuticas, especialmente no domínio literário, que procuravam ‘explicações’ em um conjunto de dados extratextuais e extralinguísticos” (Fontanille, 2008b, p. 17).

Nesse sentido, devemos lembrar que o projeto greimasiano era, na base, mais amplo que o de uma teoria do texto ou do discurso, na medida em que Greimas, ao fundar sua teoria, buscava estabelecer os alicerces de uma ciência do *sentido*, estando sentido, nessa acepção, naturalmente, homologado à *significação*. É o mesmo Fontanille que nos confirma essa ideia (*apud* Portela, 2007, p. 163), ao nos lembrar que a “semântica estrutural aplicada aos textos era, de fato, uma teoria geral da significação”.

Parece-me, portanto, que, para Greimas, o texto era o nível de pertinência, ou, nas suas próprias palavras, como já disse anteriormente, o *nível ótimo* de análise (Greimas, 1993, p. 9), em que se podiam ver as estruturas significantes manifestadas. E esse foi o exercício da semiótica até meados dos anos 1990, em que o nível por excelência da análise era o texto.

Muitas outras formas de problematizar a noção de texto seriam possíveis aqui. Se escolhi essa, foi justamente para compreender o impacto dessa noção nas minhas próprias escolhas. Maravilhado com a grandeza do projeto de cientificidade da semiótica, vi na definição de texto como uma unidade de análise, como nível de pertinência, ou mesmo como *cópus* (e somente o *cópus*, nada fora do *cópus*), a salvação para um problema que se assomava diante de mim: no caso específico do objeto de estudo que construía então, isto é, a interpretação da obra de Sá-Carneiro⁵, eu acreditava que era preciso defendê-la de leituras marcadas por biografismos e psicologismos, leituras que só pareciam encontrar sentido fora da própria obra, fora do conjunto de textos de Sá-Carneiro. Era preciso, naquele momento, parecia-me, negar a existência daquilo que estava *fora do texto* em um gesto duplo: de negação, por um lado, e de afirmação, por outro, afirmação de uma tomada de posição importante e plena de cientificidade.

A ultrapassagem do texto

A fórmula “Fora do texto não há salvação” foi muitas vezes retomada. Já em 1990, em *Sémiotique, marketing et communication*, Floch (1990) vai citá-la, chamando-

⁵ Esse exercício teórico-metodológico pode ser observado em minha dissertação de mestrado, intitulada *Um rei incoerente: o percurso do sujeito sá-carneiriano em Dispersão* (Schwartzmann, 2005), e em minha tese de doutorado, intitulada *Cartas marcadas: prática epistolar e formas de vida na correspondência de Mário de Sá-Carneiro* (Schwartzmann, 2009).

a de “fórmula poderosa” que, de “tão frequentemente repetida por A. J. Greimas, poderia ser o lema dos semioticistas”. Segundo Floch (1990, p.3)⁶:

Ela indica ou nos lembra bem que a semiótica é, primeiramente, uma relação concreta com o sentido, uma atenção voltada a tudo o que tem sentido. O que pode ser um *texto*, naturalmente, como também qualquer outra manifestação significante: um logotipo, um filme, um comportamento.

Fontanille (2008b, p. 18) vai utilizá-la para promover a mesma discussão, ao dizer que a própria prática semiótica ultrapassou amplamente os limites textuais, “interessando-se, há mais de vinte anos, pela arquitetura, pelo urbanismo, pelo design de objetos, por estratégias de mercado (Floch, 1990) ou ainda pela degustação de um charuto ou de um vinho e, de um modo mais geral, pela construção de uma semiótica das situações (Landowski, 1992)”.

E eis aqui o que chamei de *segundo modo* de ler o adágio greimasiano. Se considerarmos que todo objeto de significação é um texto, o que o próprio Greimas sempre o afirmou, veremos que ao longo dos anos, o objeto de estudo da semiótica apenas foi crescendo em complexidade, complexidade essa marcada pela proposta dos níveis de pertinência da análise semiótica, que, para Fontanille pretende justamente dar conta dos diversos planos de expressão, isto é, dos diversos planos de manifestação significante, como o afirmava Floch (1990).

A leitura do adágio greimasiano, portanto, nessa perspectiva, deixa evidente, parece-me, que o estabelecimento ou a mudança de nível de pertinência na análise semiótica não é efetivamente uma novidade, pois esse sempre foi o seu projeto. A novidade está no que chamamos de “saída do texto”, isto é, na ultrapassagem do nível do texto-enunciado, nível historicamente eleito por excelência, e no redirecionamento das análises e pesquisas na direção dos objetos semióticos, de sua relação com os sujeitos, ou ainda, com os corpos dos sujeitos e com práticas e usos sociais.

No caso de minha própria experiência, foi justamente por essa razão que busquei, nas minhas pesquisas, a partir de meu doutorado, analisar os objetos de significação não apenas do ponto de vista do texto-enunciado, no exercício de uma análise da expressão e do conteúdo desse nível de análise, como também incorporar dimensões outras das semióticas-objeto, igualmente em sua expressão e em seu conteúdo, que permitissem dar conta de sua significação.

Partindo então desses pressupostos, podemos reconhecer que um dado livro, por exemplo, tomado como

objeto de significação, tem sentidos que nascem da sua organização material, como a sua constituição enquanto objeto, frequentemente, feito de papel, que possui páginas numeradas, que por sua vez podem ser folheadas, seguindo um movimento de leitura padrão, em que são viradas, uma a uma, da direita para a esquerda, e cujas linhas são lidas de cima para baixo da esquerda para a direita segundo o padrão de escrita ocidental – esse padrão reconhecido, por si só, como uma prática semiótica.

Ora, um mesmo texto literário ou científico que mude de suporte de inscrição, isto é, que não mais seja impresso em livro, mas sim em revista (em que mais tradicionalmente se estabeleceram, hoje, o texto noticioso e publicitário), ou ainda, em um site na internet, terá, como bem sabemos, acrescida uma nova dimensão de sentido, que advém não especialmente de mudanças em seu conteúdo, mas sim de suas propriedades formais, que preveem práticas e estratégicas específicas propostas pela mudança de suporte ou meio de circulação.

Nesse caso, o “valor” assumido pelo objeto de inscrição numa dada cultura pode, portanto, “contaminar” o valor do próprio texto-enunciado, pois um poema ou um artigo científico publicados on-line (em um blog, por exemplo) não costumam ter o mesmo estatuto daqueles publicados em papel, assim como uma pintura lida como grafite na rua terá outro valor ou estatuto quando lida como grafite numa sala de museu.

De certo modo, até poderíamos chamar todos os elementos integrados à prática editorial de “texto”, isso é certo, mas o fato é que a partir do momento que classificamos tais elementos segundo suas propriedades sensíveis, materiais e formais⁷, conferindo-lhes uma expressão terminológica própria, criamos ferramentas para compreender o modo complexo pelo qual diferentes substâncias se integram à forma semiótica. Uma semiótica viva só pode ser partidária da complexidade.

Para concluir: do texto à análise semiótica

Lembrando mais uma vez de Greimas em *Maupassant* (1993), eu diria que pensar que fora do texto não há salvação é pensar que fora do método não há salvação – o que me leva a assumir então aqui o ponto de vista do que chamei de *segundo modo* de ler o adágio greimasiano. E isso porque não se pode de forma alguma ignorar que a análise semiótica, a depender de seus distintos métodos, hoje incorpora diversas manifestações

⁶ Tradução nossa para o trecho original: “Cette vigoureuse formule si souvent répétée par A. J. Greimas pourrait être la devise des sémioticiens. Elle indique ou rappelle assez que la Sémiotique est d’abord une relation concrète au sens, une attention portée à tout ce qui a du sens ; ce peut être un texte bien sûr mais ce peut être n’importe quelle autre manifestation signifiante : un logo, un film, un comportement”.

⁷ Quanto às questões formais, materiais e substanciais relativas à constituição dos objetos-suporte e das práticas semióticas, sugiro a leitura “Textes, objets, situations et formes de vie” (2006), de Jacques Fontanille.

significantes, organizadas segundo diversas formas de expressão, que esperam de nós, analistas, a adoção de *táticas particulares* para a abordagem dos diversos objetos significantes e do modo como constituem o universo socioletal.

No pequeno excerto do texto de Greimas, que antecede justamente a frase que foi mote dessa reflexão, e que muitas vezes é ignorado, há uma pequena relativização do que seria a análise semiótica. Para Greimas (1974, p. 12), na análise semiótica, “há limites que não devem ser ultrapassados”, mas que podem ser ultrapassados se avaliarmos o preço que teremos que pagar. Isto é, “é preciso que o homem seja lúcido naquilo que faz e que não escorregue imperceptivelmente, que a vida seja um *projeto voluntário* e não um jogo de circunstâncias e deslizos cujo peso não se tenha avaliado de antemão” (Greimas, 1974, p. 12, grifo nosso). Toda direção, segundo ele, pode ser tomada, “mas não por deslizos, por ignorância, por falta de lucidez”.

Em *Du sens II*, Greimas (apud Fontanille, 2007b, p. 173) afirma ainda que “existe talvez algum paradoxo para um pesquisador ao afirmar querer permanecer fiel a si, enquanto o projeto científico, hoje, é o único espaço em que a noção de progresso tem ainda sentido”. A fidelidade ou a coerência de um projeto científico são, nesse sentido, tão importantes quanto a lucidez daquele que o propõe e a sua capacidade de inovar. O mesmo, parece-me, pode ser dito sobre a análise semiótica e sobre a noção de texto: nem o texto é, portanto, um limite, uma baliza, sendo antes um limiar que pode ou não ser ultrapassado, a depender das escolhas ou interesses do analista, nem a análise semiótica se reduz à sua própria metodologia, na medida em que o que a define são os procedimentos de descrição, regidos sempre pela simplicidade, pela exaustividade e pela não contraditoriedade (Greimas; Courtès, 2008, p. 194). ●

Referências

- Fiorin, José Luiz
2012. Da necessidade de distinção entre texto e discurso. In: Brait, Beth; Souza-e-Silva, Marília Cecília. *Texto ou discurso?* São Paulo: Contexto p. 145-165.
- Fiorin, José Luiz
1995. A noção de texto em semiótica. *ORGANON – Revista do Instituto de Letras da UFRGS*, Vol. 9, n 23. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29370/18060>.
- Fiorin, José Luiz
1988. *Linguagem e Ideologia*. São Paulo, Ática.
- Floch, Jean-Marie
1990. *Sémiotique, marketing et communication*. Paris: PUF.
- Fontanille, Jacques
2008a. *Pratiques sémiotiques*. Paris: PUF.
- Fontanille, Jacques
2008b. Práticas semióticas: imanência e pertinência, eficiência e otimização. Trad. Maria Lúcia Vissotto Paiva Diniz et al. In: Diniz, Maria Lúcia Vissotto Paiva; Portela, Jean Cristtus (Orgs.). *Semiótica e mídia: textos, práticas, estratégias*. Baururu: Unesp/Faac, p. 15-74.
- Fontanille, Jacques
2007a. *Semiótica do discurso*. Trad. Jean Cristtus Portela. São Paulo: Contexto.
- Fontanille, Jacques
2007b. A semiótica é uma arte? O fazer semiótico como “arte liberal”. Trad. Maria Lucia Vissotto Paiva Diniz, Matheus Nogueira Schwartzmann e Jean Cristtus Portela. *Revista Comunicação midiática*, número 7.
- Fontanille, Jacques
2006. Textes, objets, situations et formes de vie. In: ALONSO, Juan et al. (Orgs.). *La transversalité du sens. Parcours sémiotiques*. Saint Denis: PUV, p. 213-240.
- Greimas, Algirdas Julien; Courtès, Joseph
2008. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Contexto.
- Greimas, Algirdas Julien
1993. *Maupassant*. A semiótica do texto: exercícios práticos. Florianópolis-SC: Editora da UFSC.
- Greimas, Algirdas Julien
1974. L'Énonciation: une posture épistémologique. *Significação – Revista Brasileira de Semiótica*, nº 1, Centro de Estudos Semióticos A. J. Greimas: Ribeirão Preto (SP), p. 09-25.
- Harkot-de-La-Taille, Elizabeth; Souza, Paula Martins
2012. Princípio de imanência: Uma reflexão acerca de seu teor polêmico. In: Portela, Jean Cristtus; Bevidas, Waldir.; Lopes, Ivã Carlos; Schwartzmann, Matheus Nogueira (Orgs.). *Semiótica: Identidades e diálogos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 15-32.
- Landowski, Eric
2002. *Presenças do outro*. São Paulo: Perspectiva.
- Landowski, Eric

1992. *A sociedade refletida*. Ensaios de sociosemiótica. São Paulo: EDUC.

Portela, Jean Cristtus

2008. Semiótica midiática e níveis de pertinência. In: Diniz, Maria Lúcia Vissotto Paiva; Portela, Jean Cristtus (Orgs.). *Semiótica e mídia: textos, práticas, estratégias*. Bauru: Unesp/Faac, p. 15-74.

Schwartzmann, Matheus Nogueira

2009. *Cartas marcadas*. Prática epistolar e formas

de vida na correspondência de Mário de Sá-Carneiro. 293 p. Tese. (Doutorado em Linguística e Língua portuguesa) – Faculdade de Ciência e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

Schwartzmann, Matheus Nogueira 2005. *Um rei incoerente: o percurso do sujeito sá-carneiriano em Dispersão*. 245 p. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Ciência e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

Dados para indexação em língua estrangeira

Schwartzmann, Matheus Nogueira

La notion de texte et les niveaux de pertinence de l'analyse sémiotique

Estudos Semióticos, vol. 14, n. 1 (edição especial) (2018)

ISSN 1980-4016

Résumé: *Dans cet article, nous proposons une réflexion sur la notion de texte en sémiotique française, sur sa force méthodologique et son rapport aux développements les plus récents de la théorie, notamment les propositions de Jacques Fontanille concernant la théorie des pratiques et les niveaux de pertinence de l'analyse sémiotique. Nous présentons ici deux lectures de la notion de texte, à partir de la fameuse phrase greimassienne ("hors du texte point de salve") : le texte sera donc pris soit comme (1) unité, comme énoncé, selon une approche plutôt immanente ; soit comme (2) sémiotique-objet complexe, comme conjoncture ou niveau de pertinence. Selon ces deux lectures, nous chercherons, pour conclure, à envisager ce que serait la portée de l'analyse sémiotique aujourd'hui.*

Mots-clés: *Texte ; pratique sémiotique ; analyse sémiotique*

Como citar este artigo

Schwartzmann, Matheus Nogueira. A noção de texto e os níveis de pertinência da análise semiótica. *Estudos Semióticos*. [on-line], volume 14, n. 1 (edição especial). Editores convidados: Waldir Bevidas e Eliane Soares de Lima. São Paulo, março de 2018, p. 1-6. Disponível em: (www.revistas.usp.br/esse). Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento do artigo: 25/11/2017

Data de sua aprovação: 28/01/2018
